Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

País a perder população deve olhar para "o exemplo de Braga"

Com o Norte a perder cerca de 100 mil habitantes numa década, Braga é o município, em todo o país, que mais cresce em termos absolutos. Em termos relativos, Odemira ocupa o 1.º lugar. Investigadores analisam os primeiros dados do Censos 2021

Patrícia Carvalho

Os resultados preliminares dos Censos 2021, revelados ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), podem estar cheios de dados preocupantes, como a perda de população, a concentração cada vez mais visível de habitantes em alguns concelhos do litoral e o despovoamento do interior, mas o que mais chamou a atenção do investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra Pedro Góis foi um dado positivo. "O que mais me espantou foi o caso de Braga. É das grandes cidades a que mais cresce, mas cresce muito", diz. Para um país a braços com uma clara incapacidade cada vez mais em fixar população nos seus municípios (dos 308 apenas 51 ganharam população e 257 perderam-na nos últimos dez anos), o sociólogo deixa um conselho: "Olhem para o exemplo de Braga. Não deve haver na Europa muitas cidades como ela que tenham feito o caminho que Braga fez."

De que falamos então? Os Censos 2021 dizem-nos que residem em Portugal 10.347.892 pessoas. Um valor próximo do de há 20 anos, mas ainda assim, inferior: somos menos 8225 do que em 2001. Perdemos 2% da população que tínhamos há dez anos (menos 214 mil pessoas) e desde a passagem da década de 1960 para 1970 que não se registava um decréscimo populacional no país.

Somos menos e cada vez mais concentrados em bolsas geográficas junto ao litoral – 31 municípios concentram 50% da população do país. "O facto de existir uma perda de população não é nada que não se esperasse, é uma questão de pensar o que foi a década. Tivemos uma crise recessiva forte, com discurso muito negativo, que influenciou a natalidade e nos colocou com um saldo migratório negativo e depois uma recuperação que foi curta, sem tempo de reverter todos os efeitos, seguida da pandemia, com um impacto muito forte na mortalidade e nas migrações", avalia o geógrafo e investigador do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa Jorge Malheiros.

Olhando para as regiões, apenas a Área Metropolitana de Lisboa (AML) e o Algarve ganharam população, com todas as outras a perderem-na. E as cidades de Lisboa e Porto, a braços com o rescaldo de anos de preços exorbitantes na habitação e com muitos prédios a serem transformados em alojamentos turísticos, também não ficaram imunes à saída de residentes. Lisboa perdeu, na última década 7849 residentes (-1,4%) e o Porto 5629 (-2,4%). Quem cresceu foram, sobretudo, alguns municípios da AML e a norte (região que perdeu quase 101 mil habitantes, com o centro a perder outros quase 100 mil), bem destacada, Braga.

Em dez anos o município ganhou 11.839 habitantes (um crescimento de 6,5%) e tem já mais de 193 mil residentes, sendo o que mais cresceu no país em termos absolutos. O que é que aconteceu? Pedro Góis tem algumas pistas. "Há vários factores. Desde logo a existência da universidade, que tem um efeito de arrastamento de fixar populações. Depois, um alojamento relativamente barato e uma industrialização no distrito que tem vindo a crescer ao longo do tempo, além de excelentes acessibilidades. Coimbra não beneficia disto, porque, apesar de ter uma grande universidade, não tem nem industrialização nem políticas de habitação que permitam aos jovens fixarem-se."

Impacto nas eleições

Boas acessibilidades e alojamento mais barato também estarão por trás do crescimento de Mafra, Alcochete e Palmela (este último a beneficiar também da presença da Autoeuropa), três municípios da AML que viram crescer a sua população – só Mafra, com mais 9838 residentes cresceu 12,8%, sendo o segundo município que mais cresceu em termos relativos, logo atrás de Odemira.

Estas alterações de população nas áreas metropolitanas são consideradas "extremamente interessantes" por Pedro Góis, pelas implicações que poderão ter nas futuras eleições do país – as primeiras das quais, autárquicas, acontecem ainda este ano. "A fuga de população de Porto e Lisboa para as periferias muda a demografia política do país. Muita população que era suposto viver aí está agora nos concelhos limítrofes e é expectável, a nível autárquico, que o voto sofra alguma alteração. Se pensarmos que o Bloco de Esquerda, por exemplo, tem um eleitorado jovem que está agora na periferia de Lisboa e não na cidade, isto vai influenciar o resultado final", afirma.

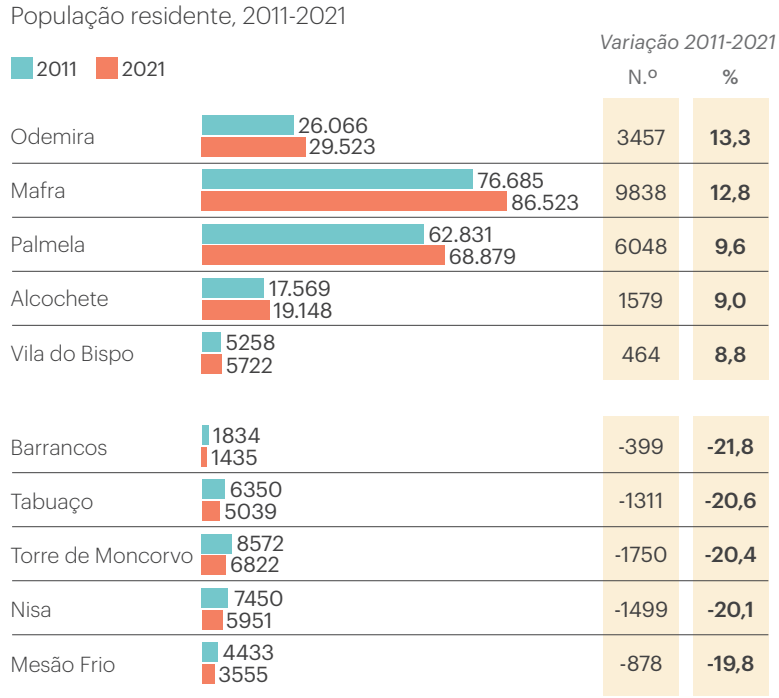
E a nível nacional as mudanças também se prevêem. "Ao contrário do Norte e centro que perderam cerca de 100 mil habitantes cada, a AML ganhou quase 50 mil habitantes. Lisboa ganha quase o que o Alentejo perde. Isto vai ter influência nos círculos eleitorais. A AML vai ganhar ainda mais deputados e todo o resto do país vai perder, talvez um ou dois, mas isto leva a políticas cada vez mais centralistas, porque é lá [na AML] que estão os eleitores."

Para inverter esta situação são necessárias "políticas demográficas activas e financiamentos amplos". A redução de assimetrias entre o litoral e o interior é tema que faz parte do discurso político há muito, mas os dados do Censos 2021 vêm mostrar que tal não tem efeito real. Este ponto, aliás, foi o único a conseguir surpreender um pouco Jorge Malheiros. "Sou sincero, estava à espera que a dicoto-

País perdeu população entre Censos pela primei

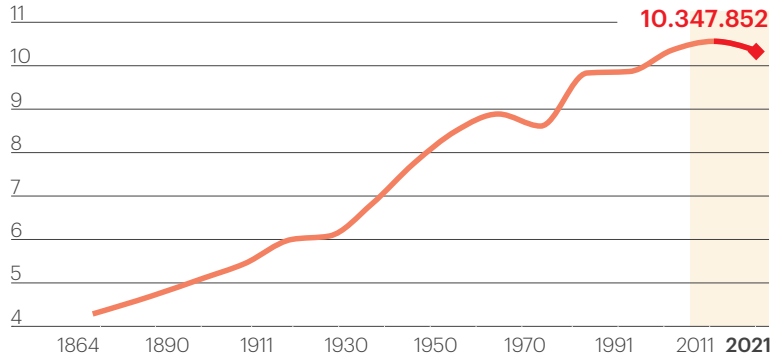
Os cinco municípios com maiores crescimentos e decréscimos populacionais

População residente, 2011-2021



População residente em Portugal

Em milhões, 1864-2021



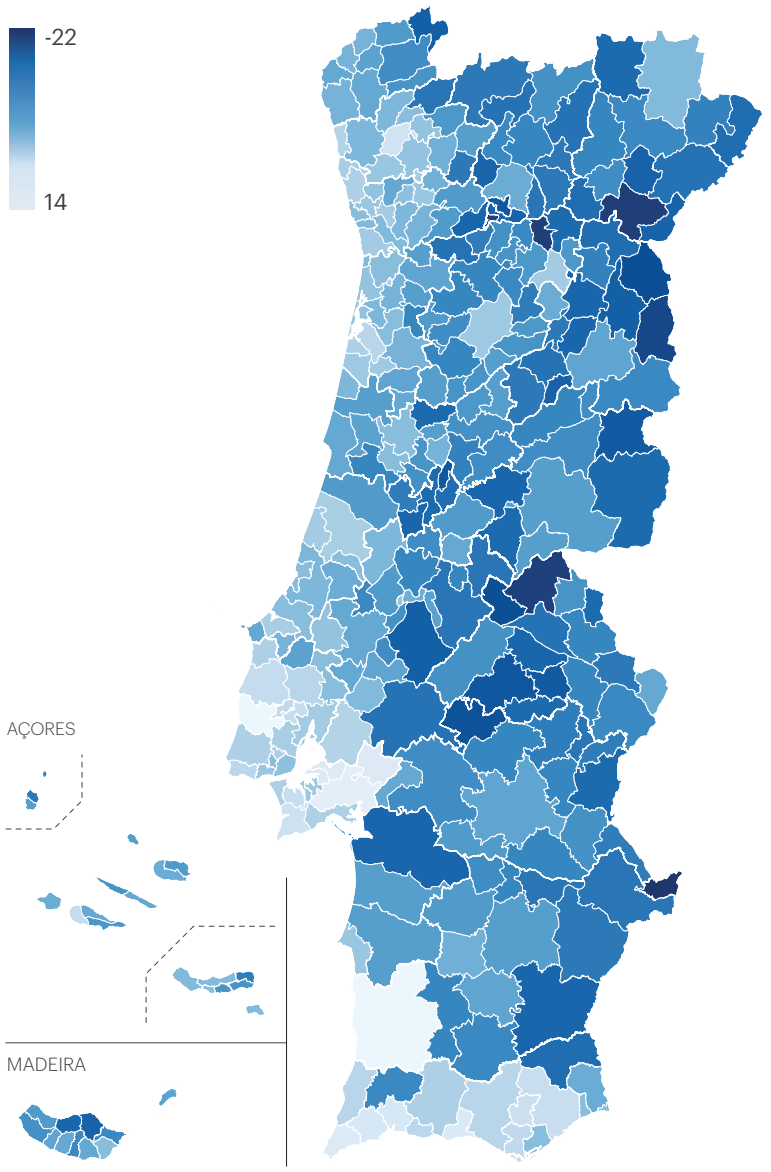
Fonte: Censos 2021

> **Lisboa ganha quase o que o Alentejo perde. Isto vai ter influência nos círculos eleitorais. A AML vai ganhar ainda mais deputados. Isto leva a políticas cada vez mais centralistas**
>
> **Pedro Góis**
> Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

ra vez desde 1970

Variação da população residente em Portugal
Em percentagem, 2011-2021



PÚBLICO

mia entre o litoral e o interior fosse um bocadinho menor, que o interior não tivesse perdas tão grandes. Pensei que alguns municípios do interior poderiam ter uma variação zero ou perto, mas quase não acontece."

Na verdade, praticamente todos os concelhos do interior perderam população na última década. E as perspectivas não são animadoras, antevê Pedro Góis. "Em alguns casos, o interior perde 13,5% da população, o que é muito. Os que ficam são muito velhos e quase não há nascimentos. Se projectarmos isto dez anos para a frente, imaginamos que esta queda se irá continuar a acentuar", diz. Jorge Malheiros também acredita que a única forma de inverter a perda da população será "através de migrações", atraídas por investimentos económicos interessantes.

Especialista em migrações, Pedro Góis lamenta que os dados já disponibilizados pelo INE não permitam aferir com mais rigor como este fenómeno influencia a realidade demográfica do país, mas, ainda assim, há casos, como o de Odemira, em que a forte presença de imigrantes sazonais, a trabalhar na agricultura intensiva que ocupou o concelho, influencia de forma evidente a realidade local. Não parecem existir dúvidas que é sobretudo graças a essa população que Odemira aparece nos Censos 2021 como o concelho que tem maior crescimento em termos relativos. Em dez anos, saltou de 26.066 residentes para 29.523, ou seja, ganhou mais 3457 habitantes (mais 13,3%). "O caso de Odemira deve levar-nos a pensar até que ponto é que áreas periféricas podem inverter processos de declínio populacional apoiado nas migrações", sustenta Malheiros, que também investiga esta área. "É uma oportunidade para reflectir também sobre a qualidade de vida destas populações e até que ponto, de uma perspectiva puramente populacional, isto é sustentável. Aqueles negócios vão manter-se? A qualidade de vida é atractiva para, quando chegarem as famílias dos trabalhadores, eles continuarem ali?"

Três perguntas a

"Mesmo os saldos migratórios não estão a ser suficientes"

Os incentivos à natalidade não têm tido sido suficientes para aumentar os nascimentos, faz notar o presidente do INE, Francisco Lima.

Nunca fomos tão poucos neste século e só uma vez tínhamos assistido a um decréscimo da população, em 1970. Isto deve preocupar-nos?
Claro, porque significa que o nosso saldo natural não está a ser suficiente. Está negativo e isso é logo um sinal de preocupação. E agora vemos que mesmo os saldos migratórios não estão a ser suficientes. Olhando para estes dez anos, é isto que verificamos. Se não houver uma reversão do saldo natural, em particular dos nascimentos, estamos cada vez mais dependentes da imigração para aumentarmos a população.

Estes dados também são o retrato de um fracasso no discurso de que é preciso repovoar o interior e esbater as assimetrias entre essa região e o litoral.
Verifica-se ao longo desta década o acentuar da concentração da população nos municípios do litoral, sobretudo à volta de Lisboa. A cidade de Lisboa perde, mas alguns concelhos à sua volta crescem, e o Algarve também. Olhando município a município, quase todos no interior perderam população. Ainda não conseguimos chegar à fase das explicações para estas oscilações, iremos lá chegar.

Estes censos representaram uma mudança de método, com 99% da informação a chegar por via digital. O método de trabalho vai mudar definitivamente?
O volume de respostas *online* superou as nossas expectativas. Este recurso será para manter no futuro e não só nos censos. Eles vão mudar, porque estamos a trabalhar no objectivo de termos censos com base em dados administrativos — ou seja, qualquer cidadão que lida com a administração pública dá muita informação e o nosso desafio é juntar a informação censitária das diferentes bases de dados.

Patrícia Carvalho

O que dizem alguns autarcas

Odemira é o que mais cresce, Barrancos o que mais perde

Carlos Dias e Idálio Revez

Os dados ontem divulgados pelo INE não surpreendem José Alberto Guerreiro, presidente da Câmara de Odemira. "Já sabíamos que era essa a tendência no nosso concelho." Odemira é o único dos 47 municípios do Alentejo a registar um acréscimo na sua população residente: 13,3%. Em termos percentuais, é mesmo o concelho do país que mais cresce.

O fenómeno tem três explicações, prossegue o autarca: o impulso dado pela componente agrícola, que "atraiu e fixou muita gente" no concelho; o turismo, que "cresceu bastante"; e um outro factor que não se repete em nenhum outro no Alentejo: o peso que representam as comunidades Tamera e Mooji, constituídas na sua esmagadora maioria por cidadãos estrangeiros que vivem na natureza de forma auto-sustentável.

A actividade agrícola, sobretudo a cultura de frutos vermelhos, tem um peso enorme no acréscimo da população presente, diz o autarca. A prova está nas freguesias de São Teotónio (com uma subida de 35%) e Boavista dos Pinheiros (20,9%). Vila Nova de Milfontes (mais 12,4%) e Longueira/Almograve (72,4%), freguesias com praia, revelam, por seu lado, o peso do turismo no crescimento.

No entanto, Guerreiro destaca um pormenor: os Censos 2021 tomaram como referência a população residente, mas se fosse considerada na análise a população presente, esta "mais que duplicaria". Diariamente, chegam e partem pessoas que vêm trabalhar no concelho e muitas acabam por ficar. E dessas "continua a não haver registo da sua presença".

No extremo oposto está Barrancos: numa década a sua população reduziu-se em 21,8% (globalmente, o Alentejo perdeu 7%). Florival Baiôa coordenador do Movimento Beja Merece+, diz que as condições de vida oferecidas, sobretudo aos mais jovens, "empurram-nos" para fora da região. Há pelo menos três décadas que os naturais da vila raiana reivindicam melhores acessibilidades. "Conheço residentes na vila de fronteira que vêm ao hospital de Beja para fazer hemodiálise ou quimioterapia e estão sujeitos a horas de viagem diária. Com acessibilidades assim quem é que quer morar em Barrancos?"

Mais a sul, Albufeira ilustra o que se passa numa região onde o turismo serve de íman para atrair gente jovem e reformados. A sua população cresceu 8,2% na última década – acima dos 3,7% observados globalmente no Algarve. Luís Coelho, da Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, não tem dúvidas sobre a explicação: "Os estrangeiros que incorporam a população residente" e a mão-de-obra recrutada, sobretudo para trabalhar na área da hotelaria e restauração. O presidente da Câmara de Albufeira, José Carlos Rolo, segue a mesma linha. Os ingleses residentes fizeram da casa de férias a segunda residência, "mas cada vez mais estamos a atrair gente jovem, que vem trabalhar no turismo, e aqui fica a residir e trabalhar". O concelho está assim "a rejuvenescer".

Vila do Bispo é o município algarvio (5722 habitantes) que assinala a maior taxa de crescimento (mais 8,8%) nos últimos dez anos. "Aí, o fenómeno é outro", diz Luís Coelho. Este concelho "tem vindo a captar a atracção de pessoas ligadas a actividades ligadas ao mar, como por exemplo o *surf*, e isso pode explicar o crescimento".

Porto "resiste", diz Moreira

Quem também não escondeu a sua satisfação foi Rui Moreira. Entre 2011 e 2021 o Porto perdeu 5629 habitantes, o que representa uma queda de 2,4%, mas o presidente da Câmara do Porto deu ontem uma conferência de imprensa, horas depois dos resultados preliminares dos Censos 2021 terem sido conhecidos, para sublinhar a "curva ascendente" desde 2014, um ano depois de ter chegado à autarquia. "Temos agora mais população do que tínhamos em 2013."

"A avaliação de que a cidade estava a perder dezenas de milhares de pessoas nos últimos anos não corresponde à realidade. Há de facto um rejuvenescimento. Não só conseguimos fixar população como conseguimos compensar as saídas com entradas", apontou. A cidade conseguiu "resistir" e o "grande problema foi a descida vertiginosa até 2013".

O ganho dos últimos anos deve-se, na sua opinião, às actividades económicas e à revitalização. "Isto não é achismo."

Curioso, mas não surpreendente, foi para Moreira verificar que a freguesia que mais população perdeu foi Campanhã, a mais oriental da cidade: "Justifica as políticas públicas que temos vindo a desenvolver." O centro histórico perde, mas não configura um "grande problema", e as freguesias mais ocidentais conseguem fixar gente. **com M.C.P.**